

# As elites e os perigos da cidade romana\*

*The elites and dangers of the Roman city*

LIMA NETO, Belchior Monteiro. *Bandidos e elites cidadinas*: um estudo sobre a formação de estigmas com base nas *Metamorphoses* de Apuleio de Madaura (século II). Vitória: Edufes, 2014. 128 p.

**Edjalma Nepomoceno Pina\*\***

Recebido em: 11/04/2021

Aprovado em: 14/05/2021

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

\*\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Vinculado ao Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção ES. Bolsista financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

**E**m um país como o Brasil, refletir sobre a criminalidade ou a violência urbana, seja em qualquer período temporal, também nos induz a discutir a nossa própria realidade. A aguda desigualdade social historicamente dividiu a sociedade brasileira, constituindo diversos níveis de elites – ou camadas sociais que se enxergam como elite – isoladas simbolicamente do restante dos demais grupos sociais. Dentre os diversos estigmas e símbolos que materializam essa diferença social, alguns dos mais evidentes no cotidiano dos noticiários, novelas e filmes são os estigmas relacionados aos criminosos. Recentemente, uma célebre apresentadora de TV sugeriu, em entrevista, que presidiários deveriam ser utilizados como cobaias para a indústria farmacêuticas, ao invés de animais, para que assim suas vidas “sirvam para algo” (SERRA, 2021). Tal comentário escancara a percepção de parte das elites brasileiras, seja ela de esquerda ou de direita, a respeito de indivíduos ligados ao crime, sendo esses enxergados como seres bestializados, sem história e eternamente condenados, mesmo que tenham – ou ainda estejam – cumprido sua pena perante a lei. O problema do estigma do cárcere já era percebido por Foucault (2011), segundo o qual “a detenção provoca a reincidência; depois de sair da prisão, tem-se mais chance que antes de voltar para ela, os condenados são, em proporção considerável, antigos detentos”. A experiência do cárcere imprime uma marca no indivíduo, um alerta de seu potencial perigo para todos com que venha a ter contado e, em última instância, esse estigma inibe o ex-criminoso de assumir ou retomar uma identidade social viável.

Apesar de reprováveis, soluções como a proposta pela mencionada apresentadora não são necessariamente uma surpresa. Não por acaso, o pensamento das elites é um tema recorrente nas análises de cientistas sociais, antropólogos e historiadores que buscam compreender os vários campos que formam o Brasil, como observado nos trabalhos de Darcy Ribeiro (2015), Vitor Nunes Leal (2012), Raimundo Faoro (1998), José Murilo de Carvalho (1996) e, mais recentemente, nos sucessos editoriais de Jesse Souza (2017; 2018).

Não obstante as variações linguísticas e mudanças estruturais do termo *elite* ao longo do tempo, é bem provável que um brasileiro ao ler a obra aqui resenhada, *Bandidos e elites cidadinas na África Romana*, se identifique com a realidade retratada, pois ainda que o recorte temporal e geográfico se situe na África romana antiga, a problemática de tal livro ecoa em nosso presente. Tanto no Mundo Antigo quanto no Contemporâneo, o fenômeno da criminalidade extrapola a violação da propriedade privada ou do atentado à vida, pois passa a ser também tema de histórias ficcionais e, mais recentemente, de narrativas jornalísticas. Tais representações sobre os criminosos exercem influência no meio em que são disseminadas, contribuindo fortemente para a desumanização dos autores do crime e para a divisão reducionista da sociedade entre bons e maus cidadãos.

*Bandidos e elites cidadinas na África Romana* origina-se a partir de uma dissertação de mestrado defendida pelo autor, Belchior Monteiro Lima Neto, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2011 – instituição onde hoje ocupa a cadeira de História da África. Sendo assim, a estrutura do texto segue uma lógica comum em dissertações: introdução, três capítulos e conclusão, além das referências e anexos, todos organizados de forma didática e intuitiva.

O primeiro capítulo, intitulado “Apuleio de Madaura e a fortuna das *Metamorphoses*”, possui natureza propedêutica, no qual buscou-se descrever a figura de Apuleio de Madaura (120-180 d.C.), autor da principal fonte analisada. Para isso, foi abordada a trajetória educacional e a origem familiar de Apuleio, dados essenciais para entender a posição ocupada pela personagem nos círculos aristocráticos norte-africanos. Além disso, Belchior Monteiro Lima Neto discutiu a relação entre História e Literatura, bem como a natureza da obra *Metamorphoses*, de onde é extraída a percepção de Apuleio sobre o banditismo.

O capítulo seguinte, “*Civitas, hinterland* e bandidos no Império Romano”, apresenta uma dupla discussão. Em primeiro lugar, discute-se a importância das cidades para o Império Romano, uma vez que essas proporcionavam espaços de manifestação do poder e presença do Estado, ao passo que nas *hinterlands*, regiões ermas dentro das fronteiras do Império, a ausência do poder governamental permitia que salteadores circulassem livremente. Em seguida, é realizada uma revisão da literatura sobre o banditismo na historiografia, desde o clássico conceito de *bandido social*, formulado por Hobsbawm (1976), passando pelas críticas de Slatta (1987), até os trabalhos mais recentes, como os de Hopwood (1990), Garraffoni (2002) e Grünewald (2004). A discussão sobre as cidades romanas e o banditismo encontram espaço no fim do capítulo, quando o objeto central – o banditismo no Império Romano – é destacado, a fim de preparar o terreno para o capítulo seguinte.

No terceiro e último capítulo, “Alteridade, identidade e estigmatização nas *Metamorphoses* de Apuleio de Madaura”, a documentação elegida pelo autor é submetida a uma análise mais profunda e a descrição de Apuleio acerca dos bandidos é discutida à luz da questão identitária. Lima Neto defende que a percepção dos *latrones* como bestializados, desnecessariamente violentos e feios, produz uma alteridade para que as elites cidadinas possam se entender como superiores moralmente, sendo esses dotados de *humanitas* e, conseqüentemente, civilizados. A oposição identitária se constrói até mesmo no plano espacial, uma vez que os *latrones* são descritos como habitantes de cavernas e regiões inóspitas, enquanto o espaço das elites é a cidade. Lima Neto aponta a possibilidade desses *latrones* estarem conectados a tribos seminômades que tiveram suas antigas terras tomadas pela colonização romana. Em outras palavras, a dicotomia entre barbárie-civilidade descrita por Apuleio pode, na verdade, mascarar uma relação mais complexa, que teria sido a convivência entre uma elite latifundiária e populações

seminômades que tiveram suas fileiras engrossadas por tribos autóctones. Apesar de plausível, para organizar esse quebra-cabeças e sustentar com mais base essa hipótese, seria preciso expandir o conjunto de fontes analisadas e agregar a cultura material, porém essa não foi a proposta da obra resenhada.<sup>1</sup>

Em suma, *Bandidos e elites cidadinas na África Romana* propõe uma análise do discurso de Apuleio de Madaura, tido como um representante da elite provincial africana. Para o campo da História Antiga, o livro dá continuidade, em língua portuguesa, a tradição de estudos sobre Apuleio de Madaura, algo já consolidado em universidades fora do Brasil. Por outro lado, sendo escrito por um brasileiro para brasileiros, tal obra adquire um sentido especial, que é o de nos fazer refletir sobre as visões eivadas de estigmas em que as parcelas mais vulneráveis da sociedade são alvo, especialmente quando se utiliza do impacto psicológico da violência urbana como instrumento para reforçar tais marcas e estereótipos produzidos originalmente pelas elites. Como nos ensina Kathryn Woodward (2003), a identidade e a alteridade são interdependentes, de modo que enquanto houverem “elites” – de todos os gêneros – dispostas a se portarem como humanamente superiores, existirão populações marginais para terem suas aflições e trajetórias apagadas e transformadas em uma caricatura do *outro*, o desumano e o hostil.

## Referências

- CARVALHO, J. M. de. *A construção da ordem e Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 1998.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GARRAFFONI, R. *Bandidos e salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2002.
- GRÜNEWALD, T. *Bandits in the Roman Empire: myth and reality*. London; New York: Routledge, 2004.
- HOBSBAWM, E. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- HOPWOOD, K. Bandits, elites and rural order. In: HADRILL, A. (Ed.). *Patronage in ancient society*. London; New York: Routledge, 1990, p. 171-187.
- LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

---

<sup>1</sup> Para uma discussão sobre essas populações africanas, envolvendo a cultura material, cf. Lima Neto (2019; 2020).

- LIMA NETO, B. M. História e Arqueologia no norte da África: a emergência dos Garamantes no Fazzan (séc. III a.C.-VI d.C.). *Dimensões*, v. 43, p. 84-108, 2019.
- LIMA NETO, B. M. Os Líbios na África Romana: novas perspectivas historiográficas a partir das escavações arqueológicas em Ghirza e no Fazzan. *Diálogos Mediterrânicos*, n. 19, p. 3-21, 2020.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Global, 2015.
- SERRA, C. Xuxa e os direitos humanos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 de mar. 2021. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/colunas/cristina-serra/2021/03/xuxa-e-os-direitos-humanos.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/colunas/cristina-serra/2021/03/xuxa-e-os-direitos-humanos.shtml)>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- SLATTA, R. W. (Ed.). *Bandits: the varieties of Latin American banditry*. New York: Greenwood Press, 1987.
- SOUZA, J. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- SOUZA, J. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Lisboa: Leya, 2017.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.